

A CASTRAÇÃO E O TEMPO

Autora: Renata Lucindo Mendonça

Psicóloga, aluna do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, pós-graduada em saúde mental e psicanálise

E-mail: renatalucindopsi@yahoo.com.br

Resumo: Este texto busca avaliar a relação entre o tempo e a constituição do sujeito, do que se trata o inconsciente atemporal e como pode ser o manejo do tempo em uma análise.

Palavras-chave: tempo, inconsciente, castração, Natureza, Civilização, sujeito.

CASTRATION AND TIME

Abstract: This text seeks to evaluate the relation between time and the constitution of the subject, to make considerations on the timeless unconscious and how can time be managed in analysis.

Keywords: time, unconscious, castration, Nature, Civilization, subject.

A castração e o tempo¹

Renata Lucindo Mendonça

Freud, no texto “Sobre a transitoriedade” (1915), apresenta a marca da castração: o tempo não é infinito, “o valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo” (Freud, 1915, p. 317). Através das várias mortes — seja a do corpo, ou a que se experimenta cotidianamente, pelo final da infância, entrada na puberdade e o próprio envelhecimento —, percebemos a morte do tempo. Não há uma linha infinita do tempo, a eternidade só se apresenta nos amores da ficção.

Freud, nesse texto, relaciona a angústia de seus amigos, sobre o fim da beleza da natureza, ao luto. Mesmo que tenhamos as mudanças de estações e que estas se renovem durante o ano, **Primavera, Verão, Outono Inverno... e Primavera,**² o tempo se vai, se escoia, se apresentando finito em cada uma delas.

A natureza não percebe a sua finitude. Somente a partir da cultura, da linguagem, que o tempo pode colocar em jogo a castração. O luto não era feito pela natureza, mas pelos amigos citados por Freud. No mundo diferente do Natural.

Apesar de o tempo ser finito, colocando em jogo a castração, demonstrando o luto apresentado nesse texto, Freud reconhece o inconsciente como atemporal, não fazendo parte de uma linha finita, nem infinita. O Inconsciente não reconhece o tempo.

O que isso, o inconsciente atemporal, pode querer dizer, já que o tempo está relacionado com o luto, com a castração? E como isso se dá numa análise, já que esta se desenvolve pelo manejo do tempo?

A constituição do sujeito

O nascimento de uma criança não dá a ela o *status* de sujeito, ela nasce como um “pedaço de carne”, podendo ser comparada a um pequeno animal, estando na ordem da necessidade, da Natureza, e não da Cultura. A criança, nesse momento, não se dá conta do mundo à sua volta, nem de si mesma e muito menos do tempo. Está assujeitada ao Outro, e o tempo está para ela como está para o animal, para a natureza.

O Outro (representado pela mãe ou um substituto) interpreta as necessidades da criança; como ocorre no caso de sentir fome, quando lhe é oferecido o seio. O apaziguamento da tensão causada pelo organismo provoca satisfação à criança, deixando marcas psíquicas no seu inconsciente. A necessidade torna-se demanda a partir do Outro, que a transforma em pedido, caracterizado pelo grito.

Nesse momento, a mãe instaura na criança um outro tipo de dependência diferente da do organismo, da necessidade. Havendo uma dependência simbólica, junto com o seio vai o olhar, a voz, dando ao Outro o lugar de “tesouro dos significantes”, detentor dos códigos, pois, além do alimento dado ao organismo, a mãe deve alimentar a criança com os códigos do mundo, incluindo-a no mundo da Cultura, da Civilização.

Essa operação é chamada por Lacan, no **Seminário XI**, de alienação e separação; a criança só se torna sujeito pela retirada de um significante, um traço, S1, que possa fazer a cadeia dos significantes S1, S2...Sn deslizar, tendo como produto a perda de gozo (a).

A operação de alienação e de separação constitui-se sobre o DM (Desejo da Mãe). Na primeira operação, o bebê se torna objeto fálico da mãe; tamponando, supostamente, a falta no Outro. O Outro, nesse primeiro momento, “é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem de aparecer” (LACAN, 1963/64, p.19). E é a partir do “vel da primeira operação essencial” (LACAN, 1964, p.199) que se funda o sujeito do inconsciente, pois é necessário que ele esteja alienado ao Outro, recebendo os significantes necessários para que entre no mundo dos códigos.

A partir da retirada de um significante é que se funda o inconsciente, havendo uma substituição de significantes: “uma metáfora, [...], é um significante que surge no lugar de outro significante.” Isto é: “o pai é um significante que substitui outro significante” (LACAN, 1957/58, p.180) — o materno.

Essa operação se dá a partir do discurso do Outro, nas hiências, nas faltas, naquilo que a criança não pode responder sobre o desejo do Outro, sobre o DM, tornando-se um enigma para a criança. Essa é a segunda operação, chamada por Lacan de separação. A pergunta “O que o Outro quer?” instaura uma falta no Outro e no próprio sujeito, causando uma interseção, uma perda de gozo, uma produção.

Essa retirada é descrita por Freud no que ele chamou o Complexo de Édipo: em um primeiro tempo, a criança é assujeitada ao Outro materno, como objeto da mãe, “a criança é dada à mãe como substituto, ou mesmo, equivalente do falo” (LACAN, 1956/57, p.174). Essa relação não é com a mãe, mas com o Desejo da Mãe (DM).

No segundo tempo, o pai intervém efetivamente no plano imaginário, priva a mãe da reintegração oral de seu produto, “é na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente, objeto do desejo da mãe” (LACAN, 1957/58, p.210).

No terceiro tempo, o pai se apresenta como aquele que detém o falo, revelando-se como aquele que o tem e não aquele que o é. Sendo transmissor, doador, do mesmo. Aquele que permite que se faça uso do falo.

O Complexo de Édipo descrito por Freud é representado pela operação da Metáfora Paterna construída por Lacan, e é nessa circunstância que se instaura o sujeito do inconsciente, havendo o recalçamento das ideias.

Esses primeiros traços, essa primeira “experiência de satisfação” apresentada pelo Outro para a criança, que são os processos inconscientes indestrutíveis e invulneráveis, “nada é passado nem esquecido”. O sujeito repete em atuação o que deveria ser escutado, sendo essa descoberta freudiana estrutural para a psicanálise. Freud demonstra-nos que, nos primeiros anos de uma criança, as primeiras experiências não se perdem jamais, sendo apenas ressignificadas e repetidas. As satisfações pulsionais experimentadas pelo bebê fazem parte da constituição do sujeito.

Essa repetição, isso que permanece para sempre na vida de um sujeito, é que se chama de atemporal, sendo o inconsciente aquele que não reconhece o tempo.

O lugar do tempo nas estruturas e sua manobra

Apesar das experiências de satisfação que se repetem, desses traços que permanecem como indestrutíveis e invulneráveis, há um tempo para que aconteça essa operação, um tempo de alienação e separação, um tempo para se darem os três tempos do Édipo.

Freud demonstra, nos textos “A organização genital infantil” (1924) e “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), que os primeiros anos de uma criança são fundamentais para a sua vida adulta. E é com referência aos acontecimentos psíquicos da infância que se dá a relação do sujeito com o Outro.

É nos primeiros anos de vida que se estabelece como o sujeito vai-se relacionar com o mundo, lidar com o Outro, como ficará articulada a sua relação com o objeto *a*. A forma como cada sujeito lida com a castração e sua relação com o Outro é dividida em três estruturas: Neurose (colocando um véu sobre a castração), Perversão (desmentindo a castração) e Psicose (não ocorrendo a castração).

Na psicose, fica clara a importância do tempo para a estruturação psíquica do sujeito, pois a Operação da Metáfora Paterna não ocorre, perde-se o tempo para a retirada do significante mestre, perde-se o tempo para que ocorra a interdição do pai. Na psicose, tem-se a forclusão do Nome-do-Pai. Forclusão, termo utilizado

pela lei que significa prescrever: “ficar sem efeito por ter passado do prazo legal, esgotamento de prazo” (HOUAISS, 2003, p.416). Passado o tempo, é impossível a realização da metáfora paterna. Esse é um tempo singular, mas que ocorre de maneira cronológica. Após os primeiros anos de vida, a operação que não se deu se perde para sempre, impossível de se realizar.

Na neurose, o que se observa é a manobra do tempo, utilizando-o de modo distinto, tanto na histeria quanto na neurose obsessiva. Na primeira, surge a antecipação do tempo e, na segunda, a procrastinação do mesmo. As duas manobras são formas para a não realização do desejo, para encobrir a castração. A histeria com a insatisfação e a neurose obsessiva com a impossibilidade.

Pode-se concluir que, para o inconsciente, existem duas formas distintas de se pensar o tempo: o tempo inexistente no funcionamento do inconsciente (atemporal) no que se refere às pulsões, aos traços de satisfação repetidos durante a vida do sujeito; “nada é passado nem esquecido”. E o tempo de se estabelecer a vida psíquica da criança, reconhecido, por Freud, nos primeiros anos de vida da mesma, que faz com que o sujeito faça uma manobra do tempo para não se haver com a castração, ou, então, o tempo prescrito, forcluído, para a constituição do inconsciente, sendo esta a psicose.

O tempo em análise

A análise não prescinde do tempo, utiliza-se dele sem renunciar ao conceito de inconsciente atemporal descrito acima, mas verificando os modos de gozo do sujeito apresentados pela manobra do tempo, além de investigar a forclusão do Nome do Pai, concluindo se foi possível ou não a operação da metáfora paterna.

A utilização do tempo, na análise, se dá de forma distinta, pois este só é contabilizado no caso a caso, na singularidade. Não leva em conta a duração do tempo cronológico, mas o surgimento do sujeito inconsciente e suas formas de gozo, pois “o inconsciente não conhece o tempo. Já a libido, ao contrário, o conhece” (MILLER, 2000, p.29), sendo necessária, no tratamento analítico, uma perda de gozo para que possa advir o desejo.

Na clínica, o sujeito do inconsciente é escutado através dos sintomas, dos sonhos, chistes, atos falhos... no susto. No **Seminário XI**, Lacan diz do inconsciente como algo que pulsa; na pulsação, surge o sujeito “de um movimento que só se abre para tornar a se fechar, numa certa pulsação temporal” (LACAN, 1963/1964, p.121) — de um salto, entre dois significantes.

O sujeito (barrado) é demonstrado, então, espacialmente, entre os significantes, no intervalo de S1 e S2. Diz-nos Miller, em **A erótica do tempo**, que

se trata de um “ordenamento temporal da cadeia significativa”, afirmando que o sujeito (barrado) está “entre o significante passado e o significante futuro, entre o significante de antes e o significante de depois”, apresentando-se “fugaz, evanescente, que é efetivamente um status temporal do sujeito” (MILLER, 2000, p.63).

Cabe ao analista, pela sua presença, fazer existir o sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo que surge na hiância, no intervalo. A forma como o analista maneja o tempo tem relação com a singularidade de cada um, tendo como referência a estrutura apresentada por este.

Na psicose, o analista apresenta-se como secretário do sujeito, surge como um organizador do tempo. Como exemplo disso, tem-se o trabalho em instituição, onde se estabelece uma rotina, uma prática constante que ordena o tempo e conseqüentemente organiza o sujeito psicótico.

Na neurose, o analista, numa posição de causa de desejo, sustenta a transferência, questiona os significantes mestres, as identificações, fazendo um giro no discurso do mestre para o discurso da histórica, possibilitando a perda de gozo para que possa surgir o sujeito do desejo.

Utiliza-se da manobra do tempo feita por cada sujeito, transformando o não dito em dito, dando voz ao sujeito do inconsciente, transformando a atuação do sujeito, através da escuta, em textos para serem lidos. Ajudando o analisando a produzir os seus próprios significantes, a inventar uma forma, um “*savoir faire*” com aquilo que é indestrutível e invulnerável, com o atemporal. Através do consentimento da castração, tornar-se um sujeito desejante. Não num tempo linear, de sessões curtas ou longas, mas em sessões de um tempo preciso, pontual para o sujeito.

Referências:

FREUD, S. (1916/1996). “Sobre a transitoriedade”, In: **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, v. 14, p.315-319.

FREUD, S. (1923/1996). “A organização genital infantil”, In: **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, v. 19, p. 155-157.

FREUD, S. (1905/1996). “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, In: **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, v. 07, p. 119-218.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro Salles. **Houaiss Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LACAN, J. (1963-64). **O seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. (1957-58). **O seminário. Livro 5: As formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1956-57). **O seminário. Livro 4: A relação do objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MILLER, J. **A erótica do tempo.** Rio de Janeiro: Latusa, 2000.

¹ Texto produzido para a Jornada Interna do Módulo III do Curso de Psicanálise do IPSM-MG.

² Filme dirigido por Kim Ki-duk, utilizando as estações do ano para representar os vários momentos da vida do personagem (Produção: Coreia do Sul/Alemanha, 2003).